

Convergência

507

DEZEMBRO • 2017 • ANO LII



“EIS QUE EU ESTOU FAZENDO UMA COISA NOVA!”
(Is 43,19)

- “...E o Verbo se Humanizou”
- *QUO VADIS, FRANCISCUS?*
Para onde vai a Igreja com o Papa Francisco?
- Construir Relações nos Passos de Jesus
- Candidatos com Orientação Homossexual ao Sacerdócio e à VRC

Candidatos com Orientação Homossexual ao Sacerdócio e à Vida Religiosa Consagrada

Luís Corrêa Lima¹

Uma questão que vem à tona e sua repercussão pública

A Congregação para o Clero, órgão da Cúria Romana, publicou em 2016 um documento sobre a vocação presbiteral. Considera-se o dom desta vocação, concedido por Deus no coração de alguns homens, uma exigência à Igreja para que lhes proponha um sério caminho de formação. Deve-se conservar e desenvolver as vocações para que produzam frutos maduros. Elas são como um “diamante bruto” que deve ser esculpido com habilidade, respeito pela consciência das pessoas e paciência, para que resplandeçam no meio do povo de Deus².

Tratou-se também dos candidatos ao presbiterato com orientação homossexual³, reiterando posições de uma Instrução publicada no início do pontificado de Bento XVI, que diz:

A Igreja, embora respeitando profundamente as pessoas em questão, não pode admitir ao Seminário e às Ordens sacras aqueles que praticam a homossexualidade, apresentam tendências homossexuais profundamente radicadas ou apoiam a chamada *cultura gay*. Estas pessoas encontram-se, de fato, numa situação que obstaculiza gravemente um correto relacionamento com homens e mulheres. [...] no caso de se tratar de tendências homossexuais que sejam apenas expressão de um problema transitório como, por exemplo, o de uma adolescência ainda não completa, elas devem ser claramente superadas, pelo menos três anos antes da Ordenação diaconal⁴.

Esta questão também diz respeito à vida religiosa consagrada, pois todos os seus membros, presbíteros ou não, homens ou mulheres, têm voto de castidade no celibato, vida comunitária e participam, segundo o carisma de seu respectivo instituto, da missão evangelizadora da Igreja. A estes, a orientação da autoridade eclesial é “que se excluam da vida religiosa aquelas e aqueles que não conseguem dominar suas tendências homossexuais⁵”.

À primeira vista, este assunto é algo interno da Igreja Católica. Porém, há implicações sobre a imagem da pessoa homossexual e consequências éticas. Por isso, pessoas e instituições se manifestaram publicamente.

O então prefeito da Congregação para a Educação Católica, que assina a Instrução de 2005, afirmou em entrevista ser inoportuno ordenar candidatos com tendência homossexual, ainda que haja sacerdotes de conduta exemplar com tais tendências⁶. Alguns louvaram a medida por terem o mesmo entendimento do prefeito. Outros se opuseram, julgando que o Vaticano queria combater os escândalos de abuso sexual,

¹ O autor é padre jesuíta e professor do Departamento de Teologia da PUC-Rio. Trabalha com pesquisa sobre diversidade sexual e no acompanhamento espiritual de pessoas LGBT. E-mail: lclima@puc-rio.br

² *O dom da vocação presbiteral*. Roma, 2016, n.1. Disponível em: <www.clerus.va>.

³ *Ibidem*, nº199-201.

⁴ CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, *Instrução sobre os critérios de discernimento vocacional acerca das pessoas com tendências homossexuais e da sua admissão ao seminário e às ordens sacras*. Roma, 2005, n.2. Disponível em: <www.vatican.va>.

⁵ CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA. *Potissimum Institutioni*: orientações sobre a formação nos institutos religiosos. Roma, 1990, n.39.

⁶ GROCHOLEWSKI, Z. “Quando não é oportuno admitir ao sacerdócio”. *30 dias*, n.11, 2005, p.24-26.

amplamente noticiados na época, punindo os homossexuais. Tais escândalos, argumentam, também têm vítimas meninas e mulheres, e não se questiona a admissão de pessoas heterossexuais ao sacerdócio⁷. Há também os que fazem objeção ao termo “tendências homossexuais”, por se tratar de uma realidade constitutiva de muitas pessoas e não de uma moda passageira. Estes rejeitam como ultrapassada e equivocada a suposição de existir uma homossexualidade que seja expressão de um problema transitório, como uma adolescência ainda não completa. Por esta razão, neste artigo emprega-se preferencialmente neste o termo “orientação homossexual”, reservando-se “tendência” apenas para a citação das fontes que assim o utilizam.

Convém observar que, segundo a Instrução, compete à Igreja definir os requisitos necessários para a ordenação e chamar os que ela julgar qualificados. No rito latino se supõe o compromisso do celibato; nos ritos orientais, ou o celibato ou um matrimônio (heterossexual) bem consolidado. O candidato ao sacerdócio deve atingir a maturidade afetiva que o torne capaz de estabelecer uma correta relação com homens e mulheres. E com esta maturidade, deve desenvolver uma paternidade espiritual em relação à comunidade que lhe será confiada. Cabe ao bispo ou ao superior religioso chamar as ordens, depois de ouvir os encarregados da formação⁸.

A recepção desta Instrução agregou novos elementos na compreensão de alguns pontos. Na tradição eclesial, recepção é o modo como normas e conteúdos doutrinários são acolhidos e assimilados na vida das igrejas locais, e nelas se tornam expressões de fé. As realidades locais e os diferentes horizontes de interpretação têm um papel muito importante neste processo, permitindo compreensões mais matizadas e flexíveis.

O presidente da Conferência Episcopal Alemã, na época o cardeal Karl Lehmann, afirmou que se deve entender por “tendências homossexuais profundamente radicadas” não quaisquer tendências pelo mesmo sexo, mas aquelas que são um grave obstáculo a uma correta relação com homens e mulheres⁹. Seguindo esta interpretação, também as tendências heterossexuais profundamente enraizadas são um grave obstáculo.

O ex-superior geral dos dominicanos, Timothy Radcliffe, trabalhou em todo o mundo com bispos e padres, diocesanos e religiosos. Ele afirmou não ter dúvidas de que Deus chama homossexuais ao sacerdócio. E afirma que eles estão entre os sacerdotes mais dedicados e impressionantes que encontrou. Por isso, nenhum sacerdote que esteja convencido de sua vocação deve se sentir classificado pelo documento como incapaz. E pode-se presumir que Deus continuará chamando ao sacerdócio tanto homossexuais como heterossexuais, porque necessita dos dons de ambos.

Quanto à cultura *gay*, Radcliffe diz que seminaristas e sacerdotes não devem frequentar bares *gays* e que seminaristas não devem desenvolver uma subcultura *gay*. Qualquer subcultura sexual, *gay* ou hétero, é incompatível com o celibato. Mas apoiar a cultura *gay* significa apenas isto? Interroga-se ele. A Instrução afirma que a Igreja deve se opor à discriminação injusta contra os homossexuais¹⁰, assim como ela se opõe à discriminação racial. Isto significa, então, que todos os sacerdotes devem estar preparados para se colocarem ao lado dos *gays* caso eles sofram opressão. E serem vistos do lado deles.

A sociedade, diz ele, tem obsessão por sexo, e a Igreja deveria oferecer um modelo de *sã* e não compulsiva aceitação da sexualidade. O Catecismo do Concílio de Trento ensina que o sacerdote deve tratar de sexo “de preferência com moderação do que com

⁷ GRAMICK, J. “Rompendo o silêncio”. *Época*, 12 dez. 2005. Disponível em: <revistaepoca.globo.com>.

⁸ *Instrução...*, 2005, n.1 e 3.

⁹ LEHMANN, K. “Le service presbytéral requiert l’homme tout entier”. *La documentation catholique*, n.2349, 2006, p.36.

¹⁰ *Instrução...*, 2005, n.2.

excesso”. Deveria haver mais atenção a quem os seminaristas podem odiar do que a quem eles amam. Racismo, misoginia e homofobia deveriam indicar que alguém pode não ser modelo de Cristo¹¹.

A Conferência dos Bispos Suíços também se pronunciou sobre a orientação sexual e a admissão ao sacerdócio:

Nós somos profundamente gratos a todos os padres que vivem sua vocação com grande fidelidade. Nós temos consciência de que em nosso colégio presbiteral e nos nossos seminários vivem coirmãos com orientação heterossexual e outros com orientação homossexual. Nós respeitamos cada um como homem e coirmão. Nós decidimos viver a castidade independentemente de nossa orientação sexual. Por isso, no âmago de nossas reflexões sobre o acesso ao sacerdócio, não há questão de orientação sexual, mas a disponibilidade de seguir Cristo de maneira coerente¹².

Como se pode notar, a recepção da Instrução romana estimulou uma fidelidade criativa em alguns segmentos da Igreja. A reflexão se aprofundou, os conceitos foram matizados e se abriram caminhos, com um apreço maior pela pessoa homossexual.

Em 2007, a Cúria Romana publicou orientações sobre o uso da psicologia na admissão e na formação de candidatos ao sacerdócio. A formação para o sacerdócio é compreendida como uma configuração a Cristo, o bom pastor. Nesta formação, deseja-se cultivar motivações espirituais e buscar um equilíbrio humano e afetivo, para que haja liberdade interior na relação com os fiéis. O uso da psicologia através de testes e de psicoterapia é recomendado em certas circunstâncias, mas não é obrigatório. O caminho formativo deve ser interrompido no caso de o candidato, apesar do seu empenho e do apoio psicológico, ser incapaz de “enfrentar de modo realista” suas graves imaturidades. Entre elas, são mencionadas: forte dependência afetiva, notável falta de liberdade nas relações, excessiva rigidez de caráter, falta de lealdade, identidade sexual incerta e tendências homossexuais fortemente enraizadas. O mesmo vale no caso de excessiva dificuldade com o celibato, “vivido como uma obrigação tão penosa a ponto de comprometer o equilíbrio afetivo e relacional¹³”.

Note-se que a orientação homossexual, ainda que classificada como grave imaturidade, não é causa de impedimento ao sacerdócio, mas a incapacidade de se lidar com ela de maneira adequada. A restrição da Instrução de 2005 foi amenizada. E, seja quem for o candidato, ele não deve viver o celibato a qualquer preço, sacrificando o seu equilíbrio emocional. Esta norma é sabia e muito oportuna também para religiosos e fiéis leigos. Mas, em meio a esta polêmica, a autoestima de seminaristas, sacerdotes e religiosos com orientação homossexual é bastante golpeada.

Para aprofundar a questão

Muitas dioceses e congregações religiosas estão abertas a ordenar homens homossexuais comprometidos com a vida celibatária. Eles tendem a ser homens calorosos, inteligentes, talentosos e sensíveis, que são qualidades importantes para o ministério e para a vida religiosa. Não raramente, destacam-se como liturgistas e pregadores, e exercem o ministério de forma criativa e eficiente. A grande maioria guarda sua orientação sexual para si. Amigos íntimos e outros sacerdotes homossexuais sabem,

¹¹ RADCLIFFE, T. “Can gays be priests”? *The tablet*, 26 nov. 2005. Disponível em: <charlescarrollssociety.com>.

¹² “Déclaration de la Conférence des Évêques Suisses: la chasteté indépendamment de l'orientation sexuelle”. *La documentation catholique*, n.2349, 2006, p.33.

¹³ CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. *Orientações para a utilização das competências psicológicas na admissão e na formação dos candidatos ao sacerdócio*. Roma, 2007, n.10. Disponível em: <www.vatican.va>.

mas com frequência pais e familiares não são informados. Pais e irmãos atentos podem desconfiar, mas na maioria dos casos não tocam no assunto.

Cabe interrogar se a homossexualidade é de fato um fenômeno crescente no sacerdócio ou simplesmente há mais visibilidade dela do que em gerações passadas? Talvez ambas as coisas. É bem provável que muitos dos sacerdotes homossexuais de gerações passadas não tinham a menor noção da natureza de sua sexualidade. As últimas décadas presenciaram uma mudança radical na autopercepção e na conscientização dos homossexuais¹⁴. As estatísticas sobre o número destas pessoas são imprecisas, mas no Brasil e em diversos países a presença de homossexuais nos seminários e na hierarquia é bem visível. E não se pode negar esta presença também em casas de formação de institutos femininos¹⁵.

Houve tempos em que a sexualidade era tratada como tabu. Mas ainda hoje em muitos grupos vocacionais, seminários, casas de formação, paróquias, comunidades, pastorais e movimentos não se fala claramente deste tema. Às vezes a mencionam quando relacionada a outros considerados mais importantes, como o celibato e a castidade. Outras vezes fala-se da sexualidade apenas de modo negativo, como se ela fosse em si mesma uma realidade perigosa e pecaminosa¹⁶, revivendo-se deste modo um dualismo que por muitos séculos contaminou o cristianismo, desprezando o corpo, a matéria e a vida terrestre.

Mesmo com o tabu e o dualismo, há historicamente um afluxo de pessoas homossexuais à vida religiosa consagrada e ao sacerdócio. Segundo o historiador John Boswell, dos séculos VI ao XIII, a Igreja proporcionou a estes homens e mulheres um abrigo seguro durante um período caótico e perigoso. A vida religiosa consagrada, celibatária, oferecia às mulheres um modo de escapar das consequências do casamento, como dormir com um marido e ter filhos, que poderiam não só ser indesejáveis como até mesmo ameaçadoras à vida. Proporcionava-se a ambos os sexos um meio de evitar papéis sexuais convencionais. Elas podiam exercer o poder em comunidades religiosas, entre outras mulheres, sem serem subordinadas ao chefe masculino da família.

Os homens podiam ser parte de uma comunidade de iguais, em que todos eram homens, sem as responsabilidades de paternidade ou de administrar um lar. Podiam exercitar, por meio do sacerdócio, habilidades de cuidar e servir que, em outras circunstâncias, estavam associadas às mulheres e eram consideradas vergonhosas para os homens. Eles podiam evitar obrigações de guerra e dedicar-se ao estudo. Elas podiam se tornar letradas e instruídas, uma oportunidade rara para o seu sexo fora das comunidades religiosas depois do declínio do Império Romano no Ocidente. Para Boswell, é razoável acreditar que nestas circunstâncias o sacerdócio e as comunidades religiosas tenham exercido uma atração particular em pessoas homossexuais, especialmente em sociedades que as tratavam como estranhas, e nas não quais não havia outra alternativa para o matrimônio, concebido essencialmente como união heterossexual. De fato, estas pessoas nem precisavam de uma motivação espiritual para ingressar em uma comunidade de iguais do mesmo sexo¹⁷.

Provavelmente isto aconteceu na maior parte da história da Igreja. Homens e mulheres de fé com orientação homossexual consideravam naturalmente atraentes a vida religiosa consagrada e o sacerdócio celibatário. Não é surpresa que homossexuais

¹⁴ COZZENS, D. *A face mutante do sacerdócio: reflexão sobre a crise de alma do sacerdote*. São Paulo: Loyola, 2001, p.132.

¹⁵ OLIVEIRA, J. *Acompanhamento de vocações homossexuais*. São Paulo: Paulus, 2007, p.5.

¹⁶ *Ibidem*, p.89.

¹⁷ BOSWELL, J. "Homosexuality and religious life: a historical approach". In: GRAMICK, J. *Homosexuality in the priesthood and the religious life*. New York: Crossroad, 1989, p.9.

católicos, com frequência pessoas profundamente espirituais, com o desejo de servir aos outros e uma inclinação natural para o rito litúrgico, sintam-se atraídos pelo sacerdócio e pela vida religiosa. Ao entrar no seminário, não há mais necessidade de explicar a familiares e amigos porque não têm namoradas e não se casam. A disciplina do celibato e o papel de porta-voz de uma Igreja que a estabelece para seu clero, são uma ajuda poderosa para manter sob controle inclinações sexuais perturbadoras, ou até assustadoras, pelo menos para alguns¹⁸.

Possibilidades e dificuldades atuais

Para o devido acompanhamento de candidatos homossexuais ao sacerdócio e à vida religiosa, é necessário que a instituição, seja ela diocese, paróquia ou instituto, verifique se está preparada para este tipo de vocacionado. São pessoas cuja afetividade e sexualidade extrapolam o convencional, exigindo um tratamento diferente e específico. É uma ofensa à dignidade do ser humano receber alguém em um ambiente onde as pessoas, especialmente as encarregadas do acompanhamento, não estejam abertas para isso. Não é justo nem evangélico introduzir alguém em um ambiente onde o veem como anormal, doente ou “coitadinho”. Ninguém se sente bem sendo motivo de deboche, vendo pessoas cochichando pelos cantos, ou ouvindo piadas. Para receber um candidato homossexual é preciso criar um ambiente acolhedor, onde a diferença não seja vista como chaga, pecado ou algo semelhante¹⁹.

Esta hostilidade não é gratuita. Há importantes indicações de que o preconceito contra a homossexualidade seja um temor inconsciente do coração humano que se recusa a reconciliar-se com a própria verdade. O medo do perigo de contágio, fanatismos, rigorismos e repugnâncias em relação à homossexualidade revelam uma necessidade de ocultar a verdade sobre a própria existência. Na base dos preconceitos, há frequentemente o medo de perder a própria segurança diante do que é diferente, estranho e desconhecido, catalogando-o por isso mesmo como perigoso e inferior. Quanto maiores o fanatismo e a repugnância em relação à homossexualidade, provavelmente existe também uma maior necessidade de ocultar a própria existência, ou uma plena recusa a reconciliar-se com a própria verdade²⁰.

Mesmo quando há acolhida, seminaristas homossexuais podem conviver com um receio considerável de que sua orientação sexual se torne um obstáculo em seu caminho rumo à ordenação. Em alguns ambientes, eles têm que lidar com as implicações de serem parte de uma minoria. Suas necessidades espirituais e emocionais requerem aconselhamento e orientação sensatos de orientadores espirituais e do corpo docente do seminário. Mas, por outro lado, seminaristas e sacerdotes homossexuais sentem necessidade de amizade com outros homossexuais. Isto pode levar a uma vida social constituída essencialmente de outros homens com orientação homossexual, criando-se uma subcultura *gay* em dioceses e seminários. Como consequência, homens heterossexuais em ambientes com um número significativo de homossexuais podem experimentar uma sensação de desestabilização, com certa insegurança e uma impressão de que não se encaixam ali. Tanto no nível psíquico como no espiritual, eles não se sentem à vontade. Os formadores de seminários precisam estar atentos a este fenômeno²¹.

¹⁸ COZZENS, *ibidem*, p.139.

¹⁹ OLIVEIRA, *ibidem*, p.23-25.

²⁰ AZPITARTE, E. *Ética sexual: masturbação, homossexualismo, relações pré-matrimoniais*. São Paulo: Paulus, 1991, p.65-66.

²¹ COZZENS, *ibidem*, p.133-134, 143.

Com relação à castidade, mandamento para todo cristão solteiro ou casado, deve-se considerar o que primeiramente a define, isto é, a integração da sexualidade na pessoa, na sua unidade de corpo e alma²². Esta integração é um caminho gradual e só pode ser bem-sucedida se a pessoa viver em paz com a própria sexualidade, sendo capaz de relacionar-se e de amar o seu semelhante e a si mesma, dentro de sua opção de vida. As condutas e os caminhos neste campo são importantes, mas não podem prescindir jamais desta integração, sob pena de anular a pessoa humana e afetivamente. Reconhecer e assumir a própria orientação sexual é necessário para bem integrá-la. O contrário disto é a orientação sexual enrustida.

Sobre isto, o dominicano Donald Goergen afirma:

As comunidades religiosas não se beneficiam com a homossexualidade enrustida. Não quero dizer que os homens precisem tornar pública sua sexualidade, uma noção que parece ser uma estranha maldição de nosso período da história. Por homossexuais enrustidos refiro-me a homens enrustidos em relação a si próprios. Ou seja, eles estão significativamente fora de contato com sua sexualidade e, assim, são incapazes de aceitar o grau ou tipo de homossexualidade presente em si; como resultado, são homens que vivem em negação, medo e ódio de si mesmos. Para que homens homossexuais vivam em comunidades religiosas, eles precisam estar suficientemente à vontade para não temer sua homossexualidade, e certamente precisam ser capazes de reconhecer quem são diante de amigos de confiança²³.

Este risco persiste. Para muitos jovens de hoje, a vida celibatária se apresenta como uma oportunidade favorável para não se enfrentar as situações pessoais relacionadas com a afetividade e a sexualidade. No entanto, a escolha do celibato só adia os problemas. Mais cedo ou mais tarde eles voltam com muito mais força e sem controle, por terem sido “varridos para debaixo do tapete”. Por isso é grave o comportamento dos que querem resolver problemas de ordem afetiva e sexual com piedosos conselhos de apelo a Jesus, fazendo disso uma espécie de “tapete cósmico” debaixo do qual são jogadas situações muito graves, na busca desesperada de soluções mágicas que não existem de fato.

A irrupção dos problemas é mais explosiva e irracional se eles tiverem sido acompanhados por uma pedagogia da repressão. Quando os sentimentos são reprimidos por muito tempo eles terminam irrompendo drasticamente, sem controle e sem a vontade consciente do indivíduo. Há quem, consciente ou inconscientemente, esconde sua condição debaixo da capa das aparências de ortodoxia, fidelidade, rigorismo, moralismo e de vestes eclesásticas. Alguns, para disfarçar sua situação, cultivam formas exageradas de piedade e de espiritualismo. No final das contas, tem-se pessoas “não resolvidas” que, na amargura de uma sexualidade tumultuada, terminam por dificultar a vida de outros e a dinâmica da evangelização. No lugar da pedagogia da repressão, deve haver uma educação sexual capaz de orientar a própria consciência na busca de uma realização coerente com o estilo de vida abraçado²⁴.

Há sacerdotes homossexuais que seguem o instinto social de encontrar a companhia de indivíduos semelhantes, sacerdotes ou não, compartilhando sua identidade com amigos de confiança. Formam assim redes ou subculturas *gays*. Mas algumas delas usam o sacerdócio como cobertura para sua atividade sexual, crendo que sua única responsabilidade para com a Igreja é uma certa discrição. As lideranças religiosas e diocesanas precisam distinguir entre o celibatário, homo ou heterossexual, que luta e às vezes falha buscando ser casto; e o sacerdote ou religioso que explora friamente o

²² Catecismo da Igreja Católica (CIGC), 1997, n.2337.

²³ GEORGEN, D. “Calling forth a healthy chaste life”. *Review for religious*, n.3, 1998, p.268. In: COZZENS, *ibidem*, p.144.

²⁴ OLIVEIRA, *ibidem*, p.90-91 e 6-7.

sacerdócio ou o instituto para seus propósitos destrutivos²⁵. O mesmo vale para a vida religiosa feminina.

A homossexualidade, a sociedade e a Igreja

A questão dos candidatos homossexuais ao sacerdócio e à vida religiosa consagrada está intimamente ligada ao modo como a sociedade e a Igreja os veem. Sacerdócio e comunidades religiosas exerceram e exercem atração em pessoas homossexuais, especialmente em cristãos piedosos vivendo em ambientes onde não há outra alternativa bem aceita ao casamento (heterossexual). Muitas vezes, seu desejo sexual é perturbador ou até assustador para si mesmos. Há quem seja incapaz de aceitar o grau ou tipo de homossexualidade presente em si. O resultado é a negação, o medo e o ódio de si.

Tudo isto está relacionado a uma longa história de oposição à homossexualidade na tradição judaico-cristã e na cultura ocidental²⁶. Por muitos séculos, a prática do homoerotismo foi chamada sodomia, em referência ao pecado de Sodoma que resultou no castigo divino destruidor (Gn 19). Considerada uma abominação, foi criminalizada e duramente punida. Esta oposição foi seguida depois pela medicina até há poucas décadas, que a considerava como doença, levando até mesmo à internação em hospitais psiquiátricos e ao tratamento com choque elétrico. Mudanças importantes aconteceram na sociedade e na Igreja, mas o estigma de abominação e perversão continua.

A recente visibilidade da população homossexual expõe os problemas que a aflige e a devastam. Em muitos lugares há uma aversão, a homofobia, que produz diversas formas de violência física, verbal e simbólica contra estas pessoas. Há pais de família que já disseram: “prefiro um filho morto a um filho gay”. Não são raros gays e lésbicas expulsos de casa por seus pais. Entre os palavrões mais ofensivos que existem em português, constam a referência à condição homossexual e a referência ao sexo anal, comum no homoerotismo masculino. Ou seja, é xingamento. A homofobia se enraíza profundamente na cultura, fomentando inclusive homicídios. De outro lado, gera em gays e lésbicas baixa autoestima e ódio de si. Há suicídios de muitos adolescentes que se descobrem nesta condição, e mesmo de adultos. Eles chegam a esta atitude extrema por pressentirem a rejeição hostil da própria família e da sociedade. Tal hostilidade gera inúmeras formas de discriminação e, mesmo que não leve à morte, traz frequentemente tristeza profunda ou depressão.

A filósofa Judith Butler, estudiosa destas questões, tem razão em querer que o medo da marginalização, da patologização e da violência seja radicalmente eliminado; bem como em almejar construir um mundo em que as pessoas possam viver e respirar dentro da sua própria sexualidade e do seu próprio gênero²⁷. O próprio conceito de castidade como integração da sexualidade na pessoa, na sua unidade de corpo e alma, exige como condição de possibilidade o repúdio a esta violência e opressão.

Tais anseios têm convergências com a pregação e o exemplo do papa Francisco. Ele convoca a Igreja a ir às periferias existenciais, ao encontro dos que sofrem com as diversas formas de injustiças, conflitos e carências. O anúncio do amor de Deus que oferece a salvação deve preceder a obrigação moral e religiosa, curar as feridas e fazer arder o coração, como o dos discípulos de Emaús que se encontram com o Senhor ressuscitado. O Evangelho convida, antes de tudo, a responder a Deus reconhecendo-O

²⁵ COZZENS, *ibidem*, p.144-5.

²⁶ LIMA, L. “Os LGBT e os desafios da evangelização”. *Convergência*, n. 493, 2016, p. 473-491.

²⁷ BUTLER, J. “La invención de la palabra” (entrevista). *Página 12*, 8 mai. 2009. Disponível em: <www.pagina12.com.ar>.

nos outros e saindo de nós mesmos para procurar o bem de todos. A Igreja não é uma alfândega dos sacramentos, mas a casa paterna onde deve haver lugar para todos os que enfrentam fadigas em suas vidas. O confessionário não é uma sala de tortura, mas o lugar da misericórdia onde o Senhor estimula os fiéis a fazerem o melhor que puderem. A Eucaristia não é prêmio para os perfeitos, mas um remédio generoso e um alimento para os que necessitam de forças. Ficou célebre a sua frase: “Se uma pessoa é gay, procura o Senhor e tem boa vontade, quem sou eu para a julgar”? O papa se encontrou com pessoas homossexuais, transexuais, e seus respectivos companheiros, acolhendo-os e confortando-os. E justificou: “as pessoas devem ser acompanhadas como as acompanha Jesus. [...] em cada caso, acolhê-lo, acompanhá-lo, estudá-lo, discernir e integrá-lo. Isto é o que Jesus faria hoje”²⁸.

Considerações finais

O dom da vocação sacerdotal e religiosa consagrada, concedido por Deus no coração de alguns homens e mulheres homossexuais, exige da Igreja maturidade e amplidão de horizontes para saber acolher e propor o devido caminho de formação. Só assim se pode conservar e desenvolver as vocações para que produzam frutos maduros. Eles e elas também são como um diamante bruto a ser esculpido com habilidade, respeito pela consciência das pessoas e paciência, para que resplandeçam no meio do povo de Deus. Não se pode desprezar este dom divino, enterrando um tesouro, como faz o servo mau e preguiçoso da Parábola dos Talentos²⁹.

É preciso que no caminho de formação haja um ambiente de confiança onde eles e elas possam, em paz, reconhecer e aceitar a sua condição, sem equívoco, medo ou ódio de si. Que o façam em sua consciência diante de Deus, partilhando com seus orientadores espirituais e pessoas de sua confiança. E preciso que estudem, reflitam, orem e conversem sobre isto, para que possam prosseguir com a devida autoestima e determinação nos caminhos do Senhor. Que na Igreja não se percam talentos e nem se deixe de produzir frutos maduros.

Questões

- 1) Em minha comunidade, há um ambiente maduro para se falar de homossexualidade?
- 2) Há algum tipo de deboche, piada e hostilidade em relação a este tema?
- 3) Candidatos(as) com orientação homossexual são acolhidos(as) em meu instituto religioso ou seminário?
- 4) Há orientações específicas sobre este assunto?

²⁸ Conferência de imprensa do santo padre durante o voo Baku-Roma. 2 out. 2016. Disponível em: <w2.vatican.va>.

²⁹ Mt 25,14-30.